

Cardoso tenta minimizar pesquisas

Presidente almoça com líderes do PSDB e PFL e pede maior controle sobre bancadas

por Sandra Nascimento
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso atuou como bombeiro, ontem, junto às direções do PSDB e do PFL, tentando atenuar o impacto de recentes pesquisas de opinião, que apontam uma forte queda de popularidade do governo. O presidente compareceu a um almoço com os líderes no Palácio do Jaburu, articulado pelo vice-presidente, Marco Maciel (PFL).

Fernando Henrique contrapôs às pesquisas divulgadas pelo Jornal do Brasil (Vox Populi) e Folha de S. Paulo (Datafolha), no último final de semana, às que o Palácio do Planalto encomenda ao MCI. Este instituto é do sociólogo Antônio Lavareda, seu assessor de campanha, e os resultados de suas pesquisas são bem mais favoráveis ao governo: elas detectam uma queda de popularidade de 43 para 40% (entre os que consideram o governo ótimo e bom). "A situação não é tão ruim assim", concluiu o presidente, ao apresentar os números. O Datafolha acusou uma queda, só em São Paulo, de 38% em março, para 25%.

"Educadamente, nós ouvimos", deixou escapar o líder do PFL no Senado, Hugo Napoleão (PI). O encontro, realizado na residência oficial da Vice-Presidência, teve por objetivo

pacificar os líderes das duas legendas que vinham trocando farpas há algum tempo. Os efeitos ainda não eram visíveis ontem à tarde no Congresso.

O presidente pediu ânimo aos aliados e discutiu com eles um cronograma de votações no Congresso Nacional, que prevê a apreciação das reformas e dos projetos de regulamentação da Ordem Econômica até julho, na Câmara, e outubro, no Senado, com convocação extraordinária do Congresso no meio do ano.

Segundo o vice-presidente, Marco Maciel, será preciso um esforço concentrado para que o governo ultrapasse a fase das reformas, que exige um quórum mínimo de aprovação de três quintos do total das duas casas do Congresso, para seguir adiante de forma mais confortável. Caso o cronograma não seja cumprido, a disposição do governo é aprovar o que for possível das reformas e tentar resolver os assuntos pendentes depois, através de projetos de lei, que exigem maioria simples.

Ontem mesmo, horas após a recomendação do presidente, ficou pa-

tente a dificuldade de mobilizar os quatro quintos necessários para garantir três quintos de votos favoráveis: por falta de um quórum considerado seguro pelo governo para garantir o texto da reforma da Previdência – 480 deputados – a votação dos Destaques para Voto em Separado foi adiada para hoje. (ver matéria ao lado)

A necessidade de uma maioria absoluta vem custando caro ao governo, questão que não passou despercebida no encontro: ficou acertado que os líderes dos partidos aliados ficarão responsáveis pelos seus parlamentares, para evitar a proliferação de bancadas supra-

partidárias setorializadas, como a da agricultura, que tem tido, até agora, grande poder de pressão sobre o Executivo. "Quando os problemas surgirem, como por exemplo com o Banco do Brasil, os líderes deverão abafá-los, temos de evitar que cheguem ao presidente", disse o secretário executivo do PSDB, Arthur Virgílio (AM).

Marco Maciel esforçou-se para tentar cimentar a paz entre os líderes José Aníbal (PSDB-SP) e

Inocêncio Oliveira (PFL-PE), cujas diferenças ultrapassaram as barreiras ideológicas e chegaram às raias do ataque físico. "Temos muitas dificuldades pela frente e um passado comum de mais acertos do que erros, agora temos de olhar o futuro", disse o vice.

Aníbal reconheceu a importância da parceria com o PFL, mas fez questão de frisar que o PSDB tinha direito a uma individualidade e que o que existe é uma coligação, e não fusão. Virgílio aproveitou para reclamar da distribuição das relatorias dos projetos, já que o PSDB nunca fica com nada importante.

O presidente do PFL, Jorge Bornhausen, primeiro a falar, destacou o início da caminhada conjunta entre as duas legendas e da importância que se mantivessem assim. Inocêncio tentou colocar seu ponto de vista, mas foi interrompido com chegada de Fernando Henrique.

De volta ao Congresso, perguntaram a José Aníbal que adjetivos ele passaria a dedicar agora a Inocêncio, depois de ter trocado desaforos anteriormente, e ele foi seco: "Nenhum". O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), perguntou a Inocêncio se ele fizera as pazes com Aníbal. Inocêncio também foi reticente: "Estamos no caminho".



Fernando Henrique Cardoso